

POESIA CONTEMPORÂNEA: A IMAGEM DO ANJO NAS OBRAS DE LÍLIA SILVA

Antonio Donizeti da Cruz
Job Lopes

Os anjos são provavelmente as criaturas mais ativas no contexto da história da humanidade depois do homem...

Carlos Ricas

Introdução

Segundo os estudos angelológicos de Buonfiglio (1993), Malaki é a palavra hebraica para anjo que simboliza “mensageiro”. O anjo é descrito pela primeira vez na escritura, a partir do Antigo Testamento bíblico. Para Aquino (2006), todo anjo é um ser singular perante Deus. É uma criatura imaterial, incorpórea, incorruptível e imortal, possui habilidades naturais recebidas em sua criação, todavia assim como os humanos, é um ser criado tendo suas limitações. Sua vitalidade é independente da natureza, pois seu corpo não depende de alimento, respiração, movimento e contato com outro corpo para reprodução.

“Todo anjo, seja bom ou mau, tem a capacidade de entender, querer, decidir e escolher simultânea, direta, de uma única vez, definitiva e perfeitamente, uma ou muitas coisas como elas são, sem sentir, emocionar-se, abstrair ou raciocinar”. (AQUINO, 2006, p. 59). Dessa forma, compreende-se que o anjo é perfeito, por ter imanente, respostas e soluções corretas em todas as circunstâncias, o que faz com que ele se distancie do homem, que necessita refletir, analisar e ponderar suas atitudes, o que ainda não garante uma decisão acertada.



Para o crítico Harold Bloom, "Por três mil anos, temos sido visitados por imagens de anjos. Essa longa tradição literária se expande da antiga Pérsia para o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e as várias religiões americanas". (2008, p. 11). Hodierno principalmente na Literatura americana, o anjo vem sendo abordado constantemente como personagem central de romances. Algumas obras destacam-se no mercado editorial com um grande interesse dos leitores tornando-se best-sellers, como, Halo de Alexandra Adornetto; Fallen de Laure Kate; Hush Hush de Becca Fitzpatrick; Tempo dos Anjos de Anne Rice; Beijada por um anjo de Elizabeth Chandler e representando a literatura brasileira o romance A batalha do apocalipse de Eduardo Spohr.

A imagem do anjo desperta curiosidade e fascínio nos seres humanos, pois se encontra arraigada no imaginário religioso e esotérico. Pode ser essa uma das causas que levam inúmeros leitores em todo mundo a se interessar por essa temática. Nas principais obras contemporâneas, a figura angelical aparece como um herói, em distintas situações e condições psicológicas, vivendo questionamentos existências e a descoberta do amor; como protetor orientando no resgate de valores e virtudes, e até mesmo, vivendo embates contra forças malignas. Na maioria das obras se corporifica como um jovem colegial, às vezes aparece caído – enviado por Deus ou transforma-se misticamente em anjo, dessa forma, está sempre disposto a experimentar todas as emoções e combater o mal.

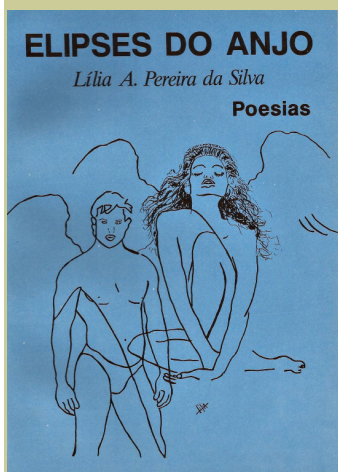
Segundo Octavio Paz, "O herói de Baudelaire era o anjo caído na cidade". (1993, p. 44). Assim, como vem sendo representado pelos escritores atuais. Observa-se uma mudança de imagem heroica na literatura, no passado os heróis contemplavam príncipes e guerreiros como Tristão, Riobaldo e o Capitão Rodrigo Cambará ou homens destemidos como Romeu e o Índio Peri. Enquanto na literatura contemporânea, seres irreais com dons e poderes sobrenaturais passam a serem os grandes defensores, ainda que sejam frágeis e sensíveis.

Para Octavio Paz (1993) na obra *A outra voz*, essa mudança ideológica de herói deve-se a transformação dos interlocutores. A natureza ao longo dos anos vai desaparecendo e com ela, montanhas, florestas, animais selvagens e vilarejos, isto é, o cenário de batalhas e embates vai se apagando e dando lugar a arranha céus, máquinas altamente tecnológicas e, assim, a cidade real torna-se abstrata. “No século XX, o interlocutor mítico e suas vozes misteriosas se evaporam. O homem ficou sozinho na cidade imensa e sua solidão é a de milhões como ele”. (PAZ, 1993, p.45). Partindo do que afirma o autor, o sujeito contemporâneo torna-se individual e solitário inserido numa sociedade de existência virtual e de sonhos globais, e nessa nova realidade, seres com poderes especiais como os anjos tornam-se heróis.

Valendo-se das obras contemporâneas, analisa-se que o anjo na literatura é representado com distintas emoções e formas físicas, mas com algumas características em comum, são todos do gênero masculino e são corporificados com elementos mais próximos do ser humano do que da visão arquetípica religiosa. Em suma, são sempre incumbidos de ajudar os indivíduos e instaurar a paz e a felicidade. Para a autora, “O anjo não participa da infelicidade; em nada lhe ajudaria que ele ficasse chorando ao seu lado. O anjo fica então no astral, esperando e mandando insights, aguardando o instante em que você decida parar de sofrer e assim possa ocorrer a transformação”. (BUONFIGLIO, 1993, p. 20).

O anjo é um ser especial com poderes direcionados para o bem, por isso, costuma ser constantemente buscado pelos humanos, pois transmitem segurança, proteção e ternura. Para Tomás de Aquino, “Cada espírito é obra única da criação divina, que vem a existir por um sopro, em que cada Anjo é selado por uma semelhança de uma perfeição única, que constituirá sua natureza como única e individual”. (2006, p. 12). Cada anjo possui sua individualidade, é uma criação perfeita e singular, não há anjos iguais, apenas semelhantes em suas sublimidades.

A imagem do anjo na poética de Lília



A imagem do anjo fulgura na lírica da escritora Lília Aparecida Pereira da Silva com intensa força poética, uma figura recorrente

em seus versos, protagonista das mais torrentes emoções, manifesta-se como a “porta” para o céu, como a passagem para o paraíso – a felicidade plena. É constantemente almejada pelo eu lírico, sua presença traz alacridade e esperança, mas sua ausência causa luto, pois emerge os sentimentos mais fúnebres.

Esses seres angelicais se apresentam na poética lílana como figuras arquetípicas¹, assim, não encontram-se mais como conteúdos do inconsciente, “pois já se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos”. (JUNG, 2008, p. 17). Argumenta Jung (2008), que as imagens vão além de meras visualizações, elas são também representações. As imagens arquetípicas podem se manifestar, por meio, de sonhos, visões, sentimentos, lembranças e sensações cinestésicas. Compreende-se que o anjo na lírica é delineado pelos sentimentos do eu poético que o concebe como representação do ser amado. Assim, “O arquétipo representa um modelo hipotético abstrato”. (JUNG, 2008, p. 17), ou seja, o modelo representado na poética de Lília é o anjo – ser abstrato.

A figura angelical surge de forma onipotente, isto é, sendo amado e venerado pelo sujeito da enunciação. A felicidade somente pode ser contemplada com o limiar do anjo na existência do eu lírico, para que haja harmonia é imprescindível que ele corresponda ao sujeito poético, sem essa reciprocidade não há equilíbrio, e assim, não há ledice, pois a falta do anjo equivale à ausência do amor – ocasionando profunda melancolia.

A partir dessa relação amorosa do eu poético com a imagem angelical, discorre Jung (1987), o estudo de imagens isoladas, ditas pelo mero ato verbal ou escolhidas pelo acaso tornam-se vazias e isentas de valor, pois não carregam a numinosidade que as designa sentido. Em razão disso, “Os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles tem significação para um determinado indivíduo vivo”. (JUNG, 1987, p. 96). Com base na acepção do teórico, busca-se compreender nessa pesquisa a representação da figura arquetípica do anjo na relação com o sujeito poético.

De acordo com os pressupostos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), os anjos são seres que fazem um intermédio entre Deus e o mundo. Exercem função de mensageiros, guardiões e protetores. Mas também, são considerados por pesquisadores como a representação de funções existenciais podendo sê-las inalcançáveis e impossíveis. Calcando-se nas teorias de Chevalier e Gheerbrant (2009), depreende-se que a imagem do anjo na poesia de Lília representa uma idealização romântica e inatingível criada pelo eu poético, que faz dele o centro de sua vida, aquele que o protegerá por toda eternidade.

Para Alfredo Bosi em *O ser e o tempo na poesia*, em relação à presença e a ausência da imagem, o autor discorre que “Toda imagem pode fascinar

¹ Na acepção de Carl Gustav Jung em sua obra *O homem e seus símbolos*, “Os arquétipos são assim, dotados de iniciativa própria e também de uma energia específica, que lhes é peculiar. Podem, graças a esses poderes, fornecer interpretações significativas (no seu estilo simbólico) e interferir em determinadas situações com seus próprios impulsos e suas próprias formações de pensamento. Neste particular, funcionam como complexos; vão e vêm à vontade e, muitas vezes, dificultam ou modificam nossas intenções conscientes de maneira bastante perturbadora”. (1987, p. 79).

como uma aparição capaz de perseguir” (1977, p. 14). Segundo Bosi, o mal-estar causado por outrem impõe sua presença. O que configura vida a uma imagem é o olhar do sujeito que a contempla e quem busca sua apreensão passa a corporificar uma nova imagem, sendo ela, estátua, desenho ou ícone. Podendo ser adorada ou maldita, produzindo uma distância que jamais poderá ser suprida.

Compreende-se partindo dos pressupostos de Bosi (1977), que a imagem do anjo emerge na poesia, como uma figura longínqua que o eu poético tenta desesperadamente alcançar. Observa-se no poema a seguir, a busca pelo anjo e a melancolia causada por sua ocultação.

PAUSA DO ANJO

Por que a pausa, Anjo, de tua sombra
Tremula em meus pés como uma nuvem?
Por que tua pausa, Anjo, tão seguida,
como navalha me cortando o riso?

Porque tua pausa cruza-me os minutos,
Indecisa figura?

Não posso ser visível e invisível,
Nuvem de arabescos, fogo-fátuo
- como tu.

Nem podem tremular, sempre arquivados,
o riso que me trazes e as lágrimas
na exitação de seres e não seres.

Por que tua pausa, Anjo,
Repetindo
o espasmo de meus sonhos desmentidos,
se pode regressar, basta queres?

Difícil é eu crer-te só divino,
Se ordenas a dor, quando te pausas! ...
(SILVA, 1993, p.25).

Analisa-se nos versos lilianos que uma simples ausência do anjo considerada como uma “pausa” já se torna uma grande angústia para o sujeito enunciador. Essa paralisação manifesta-se no poema como a representação de uma briga amorosa, na qual o anjo parte deixando o eu lírico. Dessa maneira, o sujeito poético passa a questionar a partir da primeira estrofe o porquê do anjo fazer essa pausa. “Por que a pausa, Anjo, de tua sombra / Tremula em meus pés como uma nuvem? / Por que tua pausa, Anjo, tão seguida, / como navalha me cortando o riso?”. A saída do ser amado da vida do eu lírico o torna triste, pois o anjo é quem concebe contentamento a existência do “eu”, sem a sombra

de suas asas, ou seja, sem a proteção de seus braços, é como se sua ledice fosse "mutilada".

O sujeito da enunciação se porta como inferior ao anjo, como se ele não fosse capaz de ser melhor que seu enamorado, como se observa nos versos, "Porque tua pausa cruza-me os minutos / Indecisa figura? / Não posso ser visível e invisível, / Nuvem de arabescos, fogo-fátuo / - como tu". Dessa forma, pode-se compreender que o eu lírico é extremamente dependente do anjo, pois não consegue "ser invisível", isto é, desaparecer como o ser angelical, seu amor é demasiado e não se permite ausentar.

Nas últimas estrofes, o eu poético mostra-se mais frágil e melancólico, "Por que tua pausa, Anjo / Repetindo / Como espasmo de meus sonhos desmentidos,/ se pode regressar, basta queres? / Difícil é eu crer-te só divino, / Se ordenas a dor, quando te pausas! ...". A pausa do anjo é momento de desespero para o eu lírico, a falta de sua presença ocasiona o sofrimento. Para Bosi (1977), a junção que se deseja e não se consuma causa uma inquietação, uma angústia daquele que vê seu amado, mas não é correspondido. Segundo o crítico, "A imagem, fantasma, ora dói, ora consola, persegue sempre, não se dá jamais de todo". (BOSI, 1977, p. 15). Assim, a imagem idealizada pelo eu lírico, permanece distante o levando a uma profunda tristeza, porém ainda que ausente o anjo é estímulo de esperança.

Lília em seu poema *O anjo*, assim se expressa, "Que Anjo és que só me faltas" (SILVA, 1933, p.54). O eu poético busca incansavelmente por essa figura, designando a ela sua total felicidade, dessa forma, ele encontra-se constantemente angustiado pela sua ausência. O que pode ser analisado na última estrofe do poema *Fracasso do Anjo* de 1993.

E que pudor o meu
de exigir sigilo
quando, desesperada, desenhei um Anjo
forçando a companhia que não tive?
(SILVA, 1993, p.50)

Valendo-se dos versos acima, compreende-se que o anjo é vital para a existência do eu poético, pois sem ele o eu lírico se desespera ao ponto de esboça-lo para obter imaginariamente sua presença. De acordo com uma fábula de Aristófanes, os seres humanos haviam sido juntados em duos o que formou seres completos. Assim, com grande força eles suscitaram a desconfiança dos Deuses que os dividiram para reduzir seu poder, por esta razão, cada metade passou a procurar sua outra parte na Terra. Conforme a fábula compreende-se o motivo do desespero que leva o sujeito lírico a procura do anjo, pois ele é a outra metade do eu poético. Dessa forma, "A felicidade para a raça humana está, conclui Aristófanes, na busca bem-sucedida pelo amor. Eros é o grande benfeitor que nos devolverá à nossa condição original, curando-nos e tornando-nos bem-aventurados e perfeitamente felizes". (ARISTÓFANES *apud* MCMAHON, 2006, p. 49).

A partir da fábula do dramaturgo grego, depreende-se que a plena felicidade está na realização do amor e, por essa razão, o ser humano desde

que nasce é orientado a encontrar sua outra metade, para assim atingir a plenitude. Lília expressa na terceira estrofe do poema *Preço de ter-se um anjo...* o sofrimento que se dissipa pela falta de um amor, ou seja, sem a unificação de dois seres não há felicidade para poeta.

Mas preço de ter-se um Anjo
sem desmaio
é a dor dos que o não têm
no calendário,
com sombra de borboleta
ou estrela eterna.
(SILVA, 1993, p.21)

A escritora expressa em seus versos a dolorida condição de não se ter um anjo em sua existência, pois é através dele que se contempla a totalidade do prazer. "Isso resume a faculdade do Anjo: amar, pois o amor é a síntese do entender a verdade, querer o bem e servir no bem". (FAITANIN, 2010, p.28). Valendo-se da afirmação do autor, a figura angelical carrega consigo as qualidades que constituem o amor, assim a ausência do anjo na vida do sujeito poético é inadmissível, porquanto ele é o auge da suprema felicidade para o eu lírico, sem a sua proteção não há amor.

Discorre Roland Barthes (1981), que a infelicidade e a dor são apontadas por Nietzsche, como causas de uma falsa ideia de falha e perda. O sofrimento no discurso amoroso é alimentado pela ilusão de algo perdido ou pelo erro que é considerado imperdoável para o sujeito enamorado. Valendo-se do trecho do poema se analisa que a infelicidade do sujeito enunciador está embasada na perda de seu amado, na ideia de "não tê-lo", "não tocá-lo", em suma no vazio que se abre, assim como pode se observar no verso, "Mas preço de ter-se um Anjo / sem desmaio / é a dor dos que o não têm".

Considerações finais

A imagem do anjo emerge na obra de Lília A. Pereira da Silva como uma figura arquetípica segundo os estudos de Carl Gustav Jung (2008), a figura angelical estabelece uma relação de dependência com o eu poético, ou seja, não há equilíbrio na existência do sujeito lírico sem a presença do anjo. É ele que mantém o eu lírico motivado, pois representa o ser amado – aquele que detém a felicidade e o amor.

O sujeito lírico é guiado na poesia por um anseio de encontrar o anjo, de reviver o amor do passado ou de reencontrá-lo no futuro. Enquanto isso, ele vai percorrendo uma jornada melancólica e desesperadora a busca de um ser inexistente, isto é, que se materializa apenas no seu imaginário e em suas memórias. Para Freud (1974) o ser que não vive o tempo presente e permanece condicionado a um sentimento de possibilidade (futuro) ou perda (passado) é considerado por ele um indivíduo melancólico que passa a anular sua existência.

Discorre Freud (1974), que é a partir do sistema inconsciente que são desenvolvidos as possibilidades de afetos e sentimentos. O afeto segundo o psicanalista estaria inicialmente relacionado a uma representação. Pois, é pela ação do recalque que o inconsciente se constitui de representações, assim, os sentimentos do sujeito lírico estão ligados a representação idealizada de um ser perfeito, no qual é considerado como um anjo. Dessa forma, compreende-se que o anjo é abordado na lírica liliana como a imagem do amante, do amado, daquele que é desejado ardentemente pelo eu lírico.

Referências

- AQUINO, Tomás S. *De Substantiis Separatis: sobre os anjos*. Trad. Luiz Astorga. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.
- BLOOM, Harold. *Anjos caídos*. Trad. Antonio Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- BUONFIGLIO, Monica. *Anjos cabalísticos*. São Paulo: Oficina Cultural Esóterica Ltda, 1993.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FAITANIN, Paulo. A ordem dos anjos, segundo Tomás de Aquino. *Ágora filosófica*. Recife, PE, v.10, n. 1, p. 23-42, Jan/Jun, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* in: Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy; Dora Mariana Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1987.
- MCMAHON, Darrin M. *Felicidade: uma história*. Trad. Fernanda Ravagnani, Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Globo, 2006.
- PAZ, Octavio. *A outra voz*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.